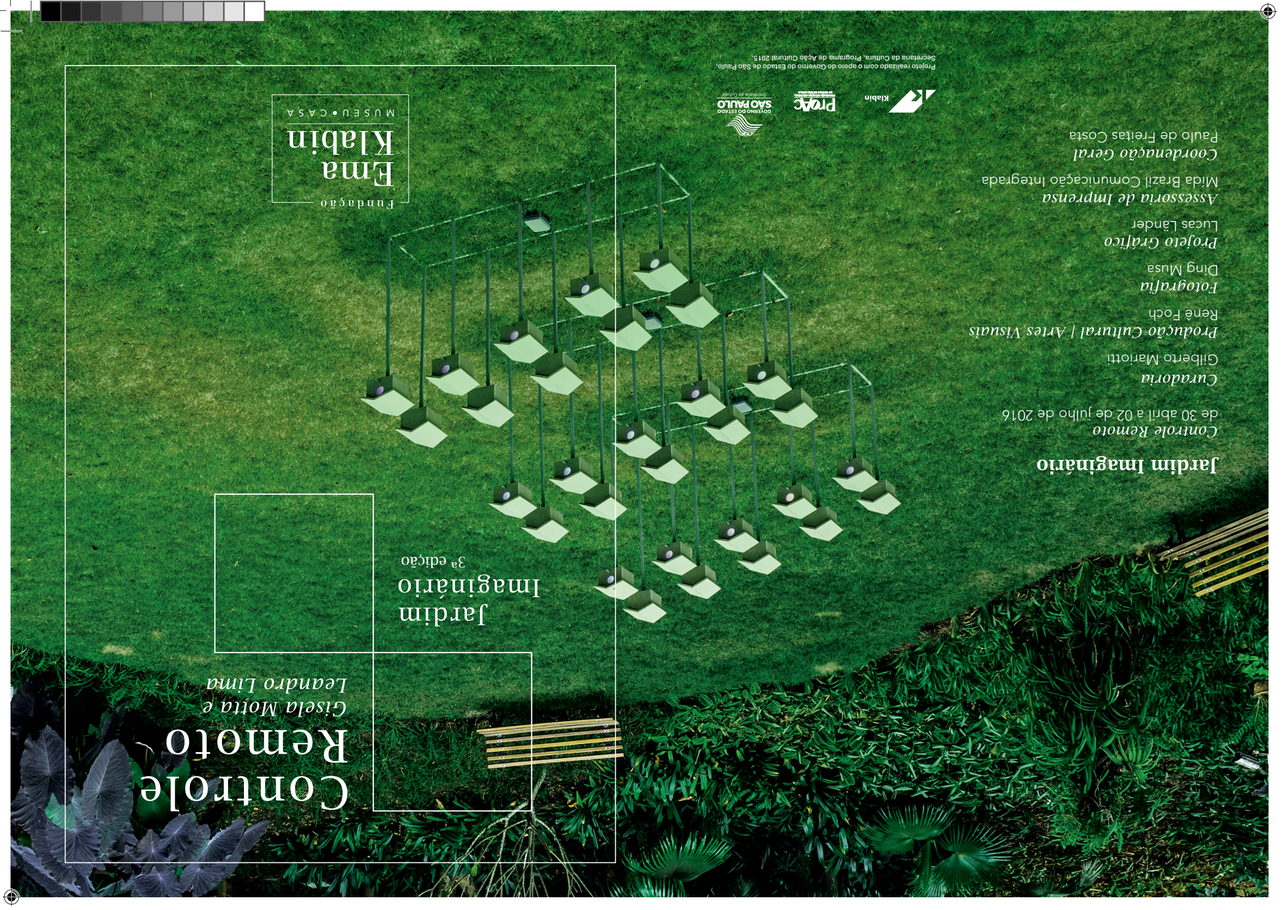
Click; Slide; Skip>
Para "Controle remoto", de Gisela Motta e Leandro Lima.
Gilberto Mariotti

Pelo caminhar ao redor de "Controle remoto", desenha-se um núcleo base de unidades habitacionais, pronto para ser replicado aos milhões. Simultâneo ao movimento de aproximação, que oferece controle e desenho sobre o plano - um olhar topográfico que tranquiliza, nos acolhem sons que reconhecemos como familiares. Olhar ao redor nos afastaria, pela recuperação da relação inicial de escala entre observador e o recorte de bairro planejado. Mas o convite do chiado intermitente de uma invasão domiciliar diária e em massa acaba por nos vencer. A este espaço abstrato ou terra arrasada, de ondas que carregam informações ambíguas, dicas de sobrevivência, normas de conduta e estímulos a um prazer padronizado, todos nós já demos, em algum momento, o nome de "casa". Curiosamente, este lugar de proteção em que nos fechamos se submete ao espaço em que nos abrimos para as mais absurdas demandas.
Mas de que se trata "Controle remoto"? De um comentário sobre um mundo pregresso, em que ainda não nos era dada a competência de interagir, de filtrar, de escolher? É confortável afirmar a postura de "meros expectadores passivos" como pertencente a um passado nostálgico. Ao contrário, "Controle remoto" nos fala do que ainda somos. Condições conflitantes colaboram entre si, formas e cenas se articulam em novas configurações midiáticas que se complementam, cúmplices na gambiarra de todos os dias. Apesar da propagação de uma revolução digital em curso enquanto notícia, apesar das novas configurações do ser e do sentir, cujo efeito ainda não conseguimos mensurar, ainda nos sentamos para assistir programações e percorrer circuitos reservados ao lazer, em horários previstos no quadro de atividades que reiniciamos a cada dia.
*
Por este caminhar ao redor de "Controle remoto", de um movimento contraditório entre diferentes percepções de escala, nasce um hiato aberto pelo trabalho - sua morada -, entre a familiaridade do que se esconde e só podemos ouvir e a estranheza do espaço reservado ao compartilhamento de qualquer experiência. Uma lacuna que torna difícil nossa articulação deste espaço: enquanto nos aproximamos como que agigantados deste bairro ajuntado que tem algo de maquete, e tendemos a olhar pelo buraco de cada casa como se o de uma fechadura, o reconhecimento das imagens pelo som que nasce de cada aparelho nos transporta para dentro, e para isso temos de novamente nos apequenar. Um movimento que evidencia algumas de várias distâncias recuperadas aqui: da distância programada entre este conjunto de casas; da distância percorrida pelos pássaros em suas migrações programadas (como nestes programas de TV que nos contam como eram as coisas na natureza); da distância entre os sofás da cidade e os televisores, janelas e lugares de passagem, meios e finalidades; da distância que parece instransponível entre um "nós" e um "eles".
A este movimento dado pela possibilidade de experimentar a contradição por meio de um caminhar, dos sentidos arredios à organização espacial prévia ou pela aproximação desconfiada, talvez se oponha o mudar de canal, a escolha que se apresenta adiante, sempre pelo seguir em frente, pelo qual, sentados, vamos tirando da frente o mundo ao substituí-lo por outro, um quase igual ao anterior, correspondente à uma expectativa cada vez menor.
A edição já não produz diferença ou é a diferença o sinal mesmo da evidência da uma linha inescapável de programação? Reclama-se uma edição possível, como uma ação autoral, ao manipularmos o controle remoto. Uma edição pelo Click. Resta do argumento de que uma forma fílmica pode evidenciar para o espectador a própria possibilidade de edição da vida, significando sua emancipação, poética e estética reintegradas: "Desse modo, os procedimentos da câmara correspondem aos procedimentos graças aos quais a percepção coletiva do público se apropria dos modos de percepção individual do psicótico ou do sonhador" (BENJAMIN, 1936).
*
Por um caminhar pelo texto, voltamos à reescrita de seus espaços. Assisti-se sempre a um fragmento disponível. "O plano geral e os movimentos de câmera proporcionaram uma investigação do mundo ao nosso redor e de nosso cotidiano, além de despertar características da realidade visível até então desconhecidas. Ao mesmo tempo em que expuseram os inúmeros condicionamentos que determinam nossa existência, ofereceram [...] um grande e insuspeitado espaço de liberdade". A autoria se perde, na medida em que o discurso que se forma não espera de nós qualquer resposta: responsabilidade é a capacidade de responder. Toda fala recortada, mesmo a que ouvimos ao passar pela calçada, não deixa de ser uma citação, que sempre nos chega replicada a distância. Mesmo as imagens que, cortadas, nos alcançam, sobre o suporte da cidade, vão sendo dispostas como que lidas por um narrador ausente. O deslize de uma fala a outra pode produzir um contra discurso? A edição pelo Slide. "[...] só nos três primeiros slides ele ficou meia hora; mudou a tela de lugar, de modo que os slides sofriam um corte ao serem projetados, e ele movia o projetor de lugar para dar o corte devido a cada um: o resto do slide se espraiava pelo ambiente: [...] foi uma espécie de quase cinema, para mim tão cinema

quanto tudo que se possa imaginar: a mesma simplicidade complexa que se poderia sentir em Godard [...]." Ou o escapar de um lugar a outro, uma paisagem à outra. Este mover-se randomicamente chega a possibilitar algum deslocamento? Edição por Skip>. Viver a andar por plataformas pode nos impedir continuamente de embarcar, de deixarmos nosso país de origem. Carregamos o lar em uma caixa. A tela do aparelho se faz de espelho mesmo quando emanando todas as suas luzes, e nossa identidade ainda se faz no olhar neste espelho o nosso ideal. "Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir..."
*
Ainda a caminhar pelo bairro, se nos mantivermos no nível do chão, será possível evitarmos o embate com fachadas e muros? Constituem todo um universo opaco de tradições e procedimentos: o manter pintado e polido do que nos chegou só no reboco; o cuidar de si, da própria vida, da cara da qual pode emergir o que não deveria se tornar público, de tudo sobre o que ninguém dá um piu, de toda amplitude que carrega nossa privacidade. "A própria mulher de Germiniano às vezes se queixava, dizia que ele estava se prejudicando por querer levar tudo a canto de esquadro, quando outros não faziam assim. Ele explicava: _ Eu sou preto, tenho de deixar o meu muro muito branco. Não posso relaxar."

Excertos de Walter Benjamin, Hélio Oiticica, Machado de Assis e José J. Veiga.



Click; Slide; Skip>
For "Controle remoto" ["Remote Control"], by Gisela Motta and Leandro Lima.
Gilberto Mariotti

Walking around "Controle remoto" traces a base nucleus of residential units, one ready to be replicated in the millions. While moving closer, which offers control and design of the plane – a topographic view with a calming influence –, we are comforted by sounds that are recognizably familiar. Looking around distances us through the recovery of the initial scale relationship between the observer and the sector of a planned city. However, the invitation of the intermittent hiss, one of an everyday, mass market home invasion, ends up winning us over: it is the abstract space or scorched earth, of waves that convey ambiguous information, survival tips, norms of conduct and stimuli for standardized pleasure that we have all, at some time, given the name of "home". Curiously, this protective place in which we enclose ourselves subjects itself to the space in which we open ourselves to the most absurd demands.
But what is "Controle remoto" about? Is it a commentary on a previous world, one in which we had yet to be given the competence to interact, to filter, to choose? It is comfortable to adopt the posture of "mere passive spectators" belonging to a nostalgic past. "Controle remoto", on the other hand, speaks to us about what we still are. Conflicting conditions collaborate among themselves, forms and scenes connect into new media setups that are self-complementary, accomplices in the daily clutter of life. Despite the propagation of a digital news revolution being underway, despite the new configurations of being and feeling, the effects of which we have yet to measure, we still sit down to watch shows and run through circuits reserved for leisure, to schedules set out on the activity board we restart every day.
*
Through walking around "Controle remoto", from a contradictory movement among the various perceptions of scale, a hiatus opened by the work is born – its abode – between the familiarity of what hides and can only be heard, and the strangeness of the space reserved for sharing of any experience. A gap that makes our articulation of this space difficult while we approach this model-like, pure-together neighborhood from a giant's perspective, often peering into the hole of each house as if peeping through a keyhole, the recognition of images through the sound issued from each device transports us inside, for which we need to, once again, make ourselves small. This movement shows some of the many distances brought to light, here: the planned distance between this set of houses; the distance travelled by birds on their scheduled migrations (as in those TV shows that told us how things were in nature); the distance between the sofas of the city and the television, windows and places of passage, means and ends; the distance that seems insurmountable between an "us" and a "them".
In possible opposition to this movement brought about by the possibility of experiencing contradiction through a walk of senses unsympathetic to prior spatial organization or through suspicious proximity, is the changing of the channel, the choice that presents itself ahead, always by driving onward, through which, seated,

we remove the world that lies before us by substituting it for another, one perhaps equal to its predecessor and corresponding to ever lesser expectation.
Does editing already fail to produce a difference, or is the difference the trail sign of the evidence of an inescapable line of programming? A possible editing complains, as an authorial action, when we manipulate the remote control. An editing through a Click. Left over from the argument that a film format can show a spectator the actual possibility of an editing of life, signifying their reintegrated emancipation, poetics and aesthetics: "In this manner, the procedures of the camera correspond to the procedures thanks to which the public's collective perception takes in the psychotics or dreamer's individual modes of perception." (BENJAMIN, 1936).
*
Through a walk in the text, we come back to the rewriting of its spaces. An available fragment is always seen. "The general plan and the camera's movements provide an investigation into the world around us and our daily lives, in addition to awaking as yet unknown characteristics of visible reality. At the same time in which they exposed the innumerable conditionings that determine our existence, they offered [...] a great and unsuspected space of freedom". Authorship loses itself in the measure in which the discourse that forms does not expect any response from us: responsibility and the capacity to respond. Any snipper of conversation, even if only overheard on the street, is still a quote and still arrows replicated over distance. Even images that, cut, reach us, over the city's support, are laid out as if read by an absent narrator. Can the slipping of one quote into another produce a contra discourse? The editing by Slides. "[...] he spent half an hour just on the first three slides; he moved the screen, changed the way the slides were being cut as they were projected, and he moved the projector to cut each one in the right place: the rest of the slide spread out over the environment. [...] it was a kind of quasi-cinema; personally, it was as cinema as anything you could imagine: the same complex simplicity you feel from Godard [...]." Or escaping from one place to another; one landscape to another. Can this random movement ever cause displacement? Editing by Skip>. Living and walking by platforms can continuously impede us from boarding, from leaving our country, our origin. We carry our home in a box. The devices screen become a mirror, even when shining all its lights and our identity creates, in the view of this mirror, our ideal. "Every day, at a given time, I would put on a lieutenant's uniform and sit in front of the mirror, reading, looking, mediating; after two or three hours, I would take of the uniform again. I could spend six or seven days doing this without feeling lonely at all..."
*
Further, if we were to walk through the neighborhood at floor level, would it be possible to avoid clashes with the façades and walls? They make up an entire opaque universe of traditions and procedures: keeping painted and polished what we go as the plaster; caring for oneself, one's own life, and what can emerge from its face is what should not become public, everything that no one ever mentions, with all the amplitude that our privacy carries. "Germiniano's own wife would sometimes complain, saying he was getting in his own way because of his need to have every little thing done by the book, when others did not have to. He would explain: 'I am black, I have to make my wall very white. I cannot relax.'"
Excerpts from Walter Benjamin, Hélio Oiticica, Machado de Assis and José J. Veiga.

FOLDER.indd 1
20/05/2016 12:37:43

Fundação
Ema Klabin
MUSEU • CASA

Jardim Imaginário _ 3ª edição, 2016 | *Controle Remoto* _ Gisela Motta e Leandro Lima

Foto: Ding Musa